

RIDE LONESOME / 1959

O Homem Que Luta Só

um filme de **Budd Boetticher**

Realização: Budd Boetticher / **Argumento:** Burt Kennedy / **Fotografia:** Charles Lawton Jr. / **Direcção Artística:** Robert Peterson / **Montagem:** Jerome Thoms / **Música:** Heinz Roemheld / **Intérpretes:** Randolph Scott (Ben Brigade), Karen Steele (Mrs. Lane), Pernell Roberts (Sam Boone), James Best (Billy John), Lee Van Cleef (Frank John), James Coburn (Whit), etc.

Produção: Budd Boetticher, para a “Runown”, e Columbia / **Cópia:** DCP, colorida, Cinemascope, versão original legendada eletronicamente em português, 72 minutos / **Estreia Mundial:** Fevereiro de 1959 / **Estreia em Portugal:** Coliseu, 20 de Julho de 1960

Perfeito. Eis o que apetece dizer de um filme como **Ride Lonesome**. É também o mais pequeno e o mais simples dos sete em que Budd Boetticher dirigiu Randolph Scott, e para muitos o seu filme maior. Se a minha preferência hesita entre **The Tall T**, **Ride Lonesome** e **Comanche Station**, em última análise, e seguindo mais o impulso do coração, **Ride Lonesome** coloca-se à frente dos outros. Este é um daqueles filmes que, na sua forma narrativa, representa o triunfo do cinema moderno, dentro de um cinema típico e convencionalmente clássico. Dentro da linhagem do western o único filme que o acompanha nesta transformação e da mesma forma é **My Darling Clementine** que John Ford fizera na década anterior. Estabeleço esta relação apenas pelo facto de **Ride Lonesome** ser, também ele, um filme “sem história”, com a intriga reduzida ao mínimo. Que se passa aqui? Apenas um homem, Ben Brigade (Randolph Scott), que captura um bandoleiro para forçar o irmão deste a vir libertá-lo, a fim de o enfrentar para um ajuste de contas. O filme abre com a captura de Billy John (James Best) e termina com o duelo entre Brigade e Frank (Lee Van Cleef). Pelo meio fica uma viagem com um objectivo bem determinado, um percurso de antemão estabelecido por Brigade (mas que parece aleatório) que leva o grupo que, entretanto, se forma, à clareira onde se ergue a árvore da forca, onde Frank enforcara a mulher de Brigade. O grupo é formado por uma mulher, Mrs. Lane, uma viúva, e dois homens, Sam Boone (Pernell Roberts, que nesse mesmo ano se impunha na televisão na figura de um dos famosos irmãos Cartwright da série **Bonanza**) e Whit (James Coburn, na sua estreia no cinema) dois fora-da-lei que querem mudar de vida, sendo a prisão de Billy John a possibilidade de receberem uma amnistia, pelo que se lhes afigura que terão de enfrentar (e matar) Brigade que durante parte do filme se nos aparece como o típico caçador de recompensas. Ao longo da viagem pouco ou nada se passa, e o que se passa desenvolve-se de forma sucinta e rápida: o encontro com os índios que querem comprar a mulher, o seu ataque (talvez a melhor sequência do género encenada por Boetticher), a tentativa de fuga de Billy John. Tudo o resto resume-se às conversas entre o grupo, e é através delas, do que se diz e mais do que se adivinha, que a pouco e pouco vamos conhecendo os seus membros, as suas motivações, conflitos e lealdades, em paisagens secas e áridas, explorando a fotogenia agreste das grandes rochas que se elevam da planície. Talvez apenas Anthony Mann tenha sabido explorar a paisagem do Oeste como o fez Boetticher, sendo este filme praticamente a súmula do seu olhar sobre ela. Mas ao contrário de Mann, Boetticher recusa dar a essa paisagem uma tonalidade lírica, expondo uma terra dura e

seca onde apenas determinada estirpe de homens pode sobreviver. O Oeste de Boetticher está mais perto do que John Ford construiu nos seus filmes. Se virmos todos os westerns de Boetticher reparamos que a paisagem é praticamente a mesma em todos eles: uma região árida e nua, com as rochas emergindo tal como as figuras humanas que por entre elas se escondem e delas surgem, paisagem que corresponde ao Monument Valley de Ford.

No que se refere a **Ride Lonesome**, as referências a Ford são ainda mais sugestivas, em particular à sua obra-prima, **The Searchers**. A personagem de Scott toma frases e posições que lembram John Wayne naquele filme. Mas onde a citação é mais evidente é na aparição dos índios, antes do ataque, feita praticamente da mesma forma: o grupo em movimento, com uma pequena colina ao fundo, no cimo da qual aparecem os índios, vistos, tal como em **The Searchers**, pelo espectador, antes do grupo se aperceber, desenvolvendo-se a perseguição e o ataque nos mesmos moldes. Homenagem a Ford ou talvez a John Wayne, pois encontramos também uma curiosa citação ao filme que este interpretava no mesmo ano para Howard Hawks. A certa altura do diálogo é referida uma localidade de nome... Rio Bravo!

O que torna este filme mais singular em confronto com a produção corrente do género é o seu final, com o confronto entre Brigade e Boone. Surpreendente no campo do western, mas totalmente lógico dentro da obra de Boetticher. Nos filmes do realizador encontramos quase uma identificação entre a personagem de Scott e os seus rivais. Os seus vilões são, por vezes, mais atraentes que o herói, de tal forma que Scott chegou a dizer-lhe que, por uma vez, gostaria de estar no “outro lado”. O seu desejo acabaria por ser satisfeito... mas por Sam Peckinpah em **Guns in the Afternoon**. Aquela identificação passa pelo respeito mútuo, que a inevitabilidade do confronto não impede, se não mesmo justifica. Lee Marvin (**Seven Men From Now**), Richard Boone (**The Tall T**), Claude Akins (**Comanche Station**) e Pernell Roberts (**Ride Lonesome**), mantêm com Scott, nos seus filmes, uma relação semelhante de rivalidade no objectivo e de aliança no percurso para chegarem a ele. Scott apenas os enfrenta por ser forçado a isso e ter de levar até ao fim aquilo em que estava empenhado. A diferença de **Ride Lonesome** em relação aos outros é que o seu verdadeiro objectivo é alcançado antes do confronto. Não se trata da recompensa, da entrega de Billy John à lei, mas sim de matar o irmão que virá salvá-lo. Conseguido isto, tudo o mais se revela desnecessário. O gesto de Brigade entregando Billy John a Boone e Whit é o de um homem finalmente em paz consigo mesmo e que nada mais precisa de provar. Se o espectador habitual do western se sente defraudado, a surpresa do gesto compensa esse sentimento. Para além disso, à secura da paisagem corresponde a forma sucinta e rápida como o duelo final entre Brigade e Frank é encenada. A cavalgada deste em direcção à árvore onde o irmão está pendurado, é travada rapidamente pelos tiros de espingarda de Brigade. Aquela conclusão anti-clímax tem uma história curiosa que Boetticher contava com prazer. O argumento original terminava de forma clássica. Brigade enfrentava Boone e Whit e abatia-os. Mas, como acontece com os outros filmes de Boetticher, os “vilões” despertam habitualmente a simpatia do espectador, esta relação é mais forte em **Ride Lonesome** devido aos motivos que impelem Boone e Whit: a regeneração. Boetticher gostava tanto das personagens que recusou matá-las. Mas a Columbia insistia. O realizador sugeriu, então, filmar dois finais diferentes, e deixar depois aos produtores a opção. Boetticher acabou por filmar apenas o que vamos ver, sem nada lhes dizer. Na sala de projecção mostrou-lhes o filme com o final que conhecemos deixando-os entusiasmados. Perguntou-lhe então, fazendo bluff, se queriam ver a outra conclusão, o que eles recusaram!

Manuel Cintra Ferreira